

**Recepción:** Diciembre 15 de 2018

**Aceptación:** Diciembre 25 de 2018

**Publicación:** Diciembre 31 de 2018

## **Uma História para Inglês Ver: Revisando o papel da língua e seu poder no contexto global.**

---

Una historia para ver sobre el Inglés: Revisando el papel de la lengua y su poder en el contexto global.

A History to English View: Reviewing the role of language and its power in the global context.

**Antonio Filipe Maciel Szezecinski**

Universidade La Salle – Brasil

antonio.szezecinski@gmail.com

**Vera Lucia Felicetti**

Universidade La Salle – Brasil

verafelicetti@ig.com.br

## Resumo

O presente ensaio busca fazer um resgate histórico a respeito do papel representado pela Língua Inglesa na atualidade. Dados trazidos por Crystal (2011) comprovam que existem atualmente mais pessoas estrangeiras se comunicando por meio desta língua do que os próprios nativos. Isso faz com que ela se torne uma língua de aspecto global. Mas o que faz com que se considere uma língua global? Sua estrutura gramatical? O número de pessoas que se expressam por ela? De tal forma, por meio de uma revisão bibliográfica de seu papel representado na atualidade, traçou-se um contexto histórico onde o inglês está associado com o poderio militar e político atrelado a esta língua.

## Resumen

El presente ensayo busca hacer un rescate histórico acerca del papel que representa la Lengua Inglesa en la actualidad. Los datos traídos por Crystal (2011) comprueban que existen actualmente más personas extranjeras que se comunican a través de esta lengua que los propios nativos. Esto hace que se convierta en una lengua de aspecto global. ¿Pero qué hace que se considere una lengua global? ¿Su estructura gramatical? ¿El número de personas que se expresan por ella? De tal forma, por medio de una revisión bibliográfica de su papel representado en la actualidad, se trazó un contexto histórico donde el inglés está asociado con el poderío militar y político ligado a esta lengua.

## Abstract

The current trial aims on doing a historical recovery about the role played by the English Language nowadays. Data brought by Crystal (2011) confirmed that there are currently more non-native speakers communicating through English than the native speakers themselves. That makes it a language of global reach. But what does it make a language a global language? Is it its grammar structure? The number of people that express through it? As such, through a bibliographical review of its role played nowadays, it had been outlined a historical context in which English is related to a political and military empowerment linked to this language.

### Palavras-chaves

Linguagem, Língua Inglesa, Globalização, Poder.

### Palabras Clave

Lenguaje. Lengua Inglesa. Globalización, Poder.

### Keywords

Language. English Language. Globalization. Power.

## Introdução

Quando se pondera o quão a Língua Inglesa conseguiu expandir-se em termos geográficos pelo mundo, há de se surpreender de como esta língua conseguira em quase quinhentos anos alcançar um patamar global. Como afirma Crystal (2002), qualquer noção desta realidade apresentada pela língua, cogitada há mais de sessenta anos atrás, seria nada menos do que uma possibilidade vaga, pra não dizer obscura.

Sendo a terceira língua mais falada do mundo, ultrapassada pelo Espanhol e o Mandarim, de acordo com o site de informações Ethnologue (2015), existem hoje em torno de 330 a 360 milhões de pessoas que são falantes nativos do idioma, contra outras 470 milhões a um milhão de pessoas que o falam como uma segunda língua. Já Crystal (2011) complementa com dados de que 400 mil pessoas são tidas como falantes nativas da língua, contra quase um milhão de pessoas não-nativas, mas falantes da língua. O ato de saber, e mais importante, o de falar em Língua Inglesa revela-se, nestes primeiros anos que delineiam o século XXI como não apenas uma característica diferencial do indivíduo do mundo contemporâneo, mas como um traço essencial ao panorama em que se vive atualmente.

Mas como a Língua Inglesa conseguiu expandir-se dessa maneira? De onde surgiu a necessidade de se aprender e dominar os princípios básicos desta língua? Seria ao acaso desse panorama global que se cria uma série de valores a respeito de seu uso prático ao cotidiano? Deve-se levar em conta, primeiramente que, em uma sociedade onde é determinado desde cedo pessoas tomarem decisões de maneira mais imediatista, tornou-se já há algum tempo uma das principais características da era em que se vive.

Neste contexto, este ensaio busca fazer um resgate histórico a respeito do papel representado pela Língua Inglesa na atualidade, seguido pelas considerações finais e as referências que basearam este trabalho.

## Um resgate histórico

Um exemplo desta linha de pensamento pode ser encontrado na própria definição de carreira profissional que determinado indivíduo é posto a escolher ainda no final de sua Educação Básica. E em meio a tais divagações, encontra-se a figura representativa da Língua Inglesa, seja ela simbolizada pela figura austera do tio Sam<sup>1</sup>, ou pela própria Estátua da Liberdade, e suas demais idealizações midiáticas. A este contexto contemporâneo, depara-se junto a inserção desta língua estrangeira, um fluxo contínuo de palavras e expressões, tão integradas e interligadas a fala comum, que acabam se confundindo com a língua oposta a sua, como a própria Língua Portuguesa.

---

<sup>1</sup> De acordo com Capozzola (2008), a imagem de tio Sam surgiu a primeira vez na mídia estadunidense em uma campanha de recrutamento surgida ao lápis de James Montgomery Flagg durante a Primeira Guerra Mundial. Atualmente, a imagem caricaturada do tio Sam serve de representação do governo americano.

Ao mesmo tempo em que a presença de elementos da cultura anglófona junto a demais vocábulos da língua materna, pode ser perceptível a críticas quanto a certo estrangeirismo pertinente a cultura local. Uma cultura colonialista, por assim dizer, onde aceita-se e absorve-se tudo que condiz ao que não é local, adaptado assim a realidade de um indivíduo. Para que se possa melhor entender esta conjuntura, necessário torna-se em deixar claro os significados pertinentes a esta cultura pós-colonial que hoje delinea-se a sociedade dos tempos atuais.

Quando se pensa a respeito dessa junção que caracteriza o pós-colonialismo é impossível negar a memória coletiva construída a um nível social, político e cultural a respeito de certa *colonização* europeia e estadunidense no continente sul-americano que marcou a segunda metade do século XX. Destaca-se em itálico tal substantivo devido ao fato de que, por mais que pontos na América do Sul, África e Ásia haviam conquistado ao que se pode dizer a sua *condição emancipatória*, ainda assim marcas de tal influência do primeiro mundo ainda seguiam nessas regiões.

Em outra utilização, conforme apresenta Ballestrin (2013), se refere a um conjunto de teorias traçadas a partir de estudos literários e culturais que tomam forma a partir dos anos 1980 em pólos universitários nos Estados Unidos e Inglaterra. Tomando a forma de certo modismo acadêmico, não tardou muito ao mesmo ingressar dentro dos centros universitários brasileiros. Mas como relacionar o panorama que marca a pós-colonialidade ao conceito do 'giro decolonial' ou mesmo 'descolonização'? Seriam eles sinônimos? Ou haverá diferenças entre ambos?

Também de acordo com Ballestrin (2012), a expressão *descolonial* não deve ser confundida com *descolonização*, visto que esta última indicaria a certa superação do colonialismo, ao mesmo tempo em que a ideia de decolonialidade procura superar a colonialidade, essa perspectiva obscura da modernidade, que se segue ainda vibrando a atualidade em um padrão mundial de poder.

Poderia assim supor que se vive em uma era ainda marcada pela decolonialidade? Tomando por reflexão as palavras de Ballestrin (2012), pode-se olhar ao redor os efeitos de uma colonialidade de poder ainda presente em nossa sociedade. Isso remete a ideia de o quão as línguas estrangeiras, principalmente a Língua Inglesa, seguem junto a tantos outros vocábulos que modelam a atual Língua Portuguesa, quando pensado em padrões brasileiros. Basta simplesmente observar o vocabulário adotado ao dia-a-dia (*fast food, hamburger, vídeo-game*), todas adaptadas ao linguajar materno em terras tupiniquins. Seria isso uma forma de imposição da cultura do outro, nesse caso, representado sob a marca de McDonald's e/ou Coca Cola?

Dentro deste painel aqui sucintamente traçado, em citação a Mignolo, Ballestrin (2012) supõe que o fim do processo histórico da colonização não significou necessariamente o fim das relações de colonialidade que seguem controlando a economia, a autoridade, a natureza, os recursos naturais, o gênero, a sexualidade, a subjetividade e o conhecimento. Nisso, conforme Ballestrin (2012) disserta, a América Latina foi, de fato, a primeira experiência colonial para

a conformação do sistema-mundo moderno capitalista nos termos de **Immanuel Wallerstein**. Comenta ainda que o continente latino-americano, dentro deste contexto pós-colonialismo ainda sofria do que chama de *colonialismo sobrepostos*, em regimes externo, regional e interno.

Ainda dentro deste contexto, Ballestrin (2012) elucida mais ao afirmar que justamente o tido “giro descolonial” (ou decolonial, vocábulo adaptado do espanhol) busca responder às lógicas desenhadas por essa colonialidade do poder, com vistas a outras experiências políticas, vivências culturais, econômicas e produção do conhecimento. Analisando a pertinência de sua terminologia, a autora toma como pressuposto o conceito inicial de ‘giro’ no campo das Ciências Humanas, a qual tal expressão é utilizada geralmente quando uma transformação ou redirecionamento de determinado assentamento epistêmico ocorre.

De acordo com Quijano (2002), o fenômeno de poder pode ser percebido como um tipo de relação social constituída pela mútua presença de três principais elementos – o trabalho, o sexo, a autoridade coletiva e a subjetividade/intersubjetividade, junto a todos os seus recursos e produtos finais. Estes elementos, por mais que não nasçam um dos outros, não funcionariam de uma forma mais autônoma, dependendo exclusivamente para que possam operar entre si.

Assim, acabam por formar um complexo estrutural de caráter histórico e específico – ou seja, trata-se sempre de um padrão histórico de poder. Quijano (2002) complementa ainda que o atual padrão do qual depara-se o poder mundial baseia-se em uma articulação entre quatro arestas – a colonialidade de poder, ou como é assim classificada, “a ideia de “raça” como fundamento de padrão universal de classificação social básica e de dominação social.” (QUIJANO, 2002, p. 04); o capitalismo, como uma forma universal de exploração social; o Estado atuando de maneira mais central através do controle de autoridade coletiva e o Estado-nação como sua variante hegemônica e o Eurocentrismo como uma maneira ainda mais hegemônica de controle dos sujeitos.

Como pontua Hobsbawn (2009), a globalização pode ser percebida por meio de dois fatores: a redução ou eliminação completa das barreiras comerciais entre os Estados e pela liberação dos mercados capitais. No entanto, associar a globalização apenas em seu viés econômico, revela uma inexatidão em sua conceituação, uma vez que a globalização dependeria também da eliminação dos obstáculos técnicos também. Assim, a globalização não é meramente uma ação em si, mas sim um processo histórico que segue em uma transformação contínua.

Quanto a este rápido processo de globalização, cujo fluxo fortificou-se principalmente em princípios da década de 1990, Lima (2009) observa que tem este exigido que as pessoas busquem se qualificar e se preparar em termos profissionalizantes, dentro da sociedade da qual estão inseridos. Esta sociedade vem se desenvolvendo a passos largos, onde uma cultura do imediatismo prevalece. Complementa ainda Quijano (2002) ao pensar a globalização como,

[...] um resultado de um vasto e prolongado conflito pelo controle do poder, do qual saíram vitoriosas as forças que representam a colonialidade e o capitalismo. E, em consequência, a “globalização” é uma inevitável arena de conflitos tanto entre os vencedores e vencidos como entre os próprios vencedores, suscetível, portanto, de outros resultados. (p. 16).

Neste panorama, surge a questão relativa ao processo de aquisição e aprendizagem da Língua Inglesa. O Inglês surge ao panorama mundial como uma das línguas mais predominantes do mundo, principalmente no que tange em questões relativas a comunicação. Torna-se, portanto, necessário compreender dos motivos que levaram e levam a Língua Inglesa como um dos principais idiomas a serem estudados dentro do contexto mundial do qual se insere. Tudo isso faz com que o estudo da compreensão deste fenômeno torna-se um sinônimo de se compreender os efeitos da globalização na atualidade.

Crystal (2002) aponta em seus estudos, primeiramente, quanto aos fatores que levam uma língua a ser falada ao redor do globo pouco tem a ver com o número de pessoas que venham a se comunicar através desta mesma língua. Para uma melhor compreensão, o autor traz como exemplo o Latim predominante no Império Romano. Esta língua atingiu um *status* de Língua Global mais pela questão de que seus falantes nativos eram os mais poderosos entre os povos que existiam naquelas terras ao seu tempo, do que pelo número de habitantes a conviver dentro daquela unidade política. Com a queda do Império Romano em 1453, o Latim ainda haveria de permanecer como uma Língua Global por mais de milênio, preeminente dentro da Educação, por conta da influência do Catolicismo Romano que predominava na Idade Média. Mas não por conta de sua estrutura gramatical, como vários teóricos vieram a observar conseqüentemente.

Em observação a este aspecto, Crystal (2002) traz por meio de uma fala de um revisor do periódico britânico, *The Athenaeum*, de 1848 que:

Em sua facilidade de construção gramatical, na sua escassez de desinência, em sua quase total desconsideração de distinções de gênero, exceto daqueles de natureza, na sua simplicidade e precisão nas suas terminações e verbos auxiliares, não menos que em sua majestade, vigor e abundância de sua expressão, nossa língua materna aparenta bem adaptada pela *organização* para se tornar uma língua do mundo. (CRYSTAL, 2002, p. 06, tradução nossa<sup>2</sup>)

Mas quanto a tal suposição, Crystal (2002) comenta também que esta havia sido desconsiderada de que línguas que precederam ao Inglês seriam línguas cujas estruturas internas se demonstravam complexas, justamente devido ao fato da composição de variadas regras gramaticais que prevaleceriam à época. Assim, neste aspecto, o autor considera que elementos tidos como propriedades estruturais, passando por sua dimensão lexical e até mesmo pela distribuição de grandes títulos literários do passado, são encarados mais como fatores que venham a instigar no indivíduo a aprendizagem de sua Língua-Alvo. Entretanto, nenhum desses se revelariam como motivos e razões que fariam-na a alcançar um escopo global. Crystal (2002) conclui então que, “uma língua torna-se uma

<sup>2</sup> In its easiness of grammatical construction, in its paucity of inflection, in its almost total disregard of the distinctions of gender excepting those of nature, in the simplicity and precision of its terminations and auxiliary verbs, not less than in the majesty, vigour and copiousness of its expression, our mother-tongue seems well adapted by *organization* to become the language of the world.

língua internacional por uma razão principal: o poder político de seu povo – especialmente seu poder militar” (CRYSTAL, 2002, p. 07).

Sendo assim, deve ser levado em conta que dentre os principais fatores que fazem com que uma Língua alcance um predomínio linguístico nos quatro cantos do globo, deve-se ao poderio militar atrelado a si. Em vista disso, faz-se necessário um resgate histórico de como o Inglês conseguiu atingir este alcance mundial, considerando a expansão do Império Britânico em meados do século XIX juntamente a elevação política e militar dos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Para que se possa entender, primeiramente, como se deu a expansão territorial inglesa, deve-se primeiramente buscar compreender a construção da Inglaterra como Estado moderno. Quando os Tudor assumiram a Coroa no século XV, a Inglaterra havia passado por quase dois séculos envolvida em conflitos político e militar de natureza interna e externa. Karnal (2015) observa, contudo, neste aspecto que a Guerra dos Cem Anos (1337-1453) promoveu um início de construção de uma identidade nacional e união entre os ingleses, movendo-os para um único objetivo: o trono francês. No entanto, logo após o final desse conflito, a Inglaterra novamente encontra-se em outro mais denso e profundo, ocorrido internamente – a Guerra das Duas Rosas (1455-1485).

Estes conflitos, como pontua Karnal (2015), fomentaram o enfraquecimento da nobreza e suscitar na ilha um desejo contínuo de um poder centralizador e pacificador. O autor vem a observar que ambas as guerras vivenciadas pela Inglaterra que, “a luta contra a França estimulou certa unidade na ilha, reforçando o chamado “esplêndido isolamento”, como os ingleses denominaram seu relativo afastamento do continente.” (KARNAL, 2015, p. 31).

A ascensão dos Tudor no poder, promoveria uma afirmação política nacional em uma escala inédita. E dentro desta dinastia, foi através de uma de suas mais notáveis monarcas, Elizabeth I (1533-1603). Através de suas estratégias políticas de expansionismo, a chamada “Rainha Virgem” destaca-se no Velho Mundo por seu embate e vitória sobre a Invencível Armada da Espanha em 1588. Isso havia acabado por gerar uma onda de nacionalismo que atravessou os quatro cantos da ilha, estabelecendo por tanto uma identidade nacional entre os ingleses.

Entrelaçando as tecnologias desenvolvidas durante a primeira fase da Revolução Industrial, datada de meados do século XVIII, juntamente ao seu domínio sobre os mares, a riqueza da Inglaterra iria se multiplicar, fazendo com que o volume de comércio nos portos de Londres intensificasse-se no período de um século. Gomes (2007) ao dissertar sobre a extensão do Império Britânico, comenta que

[...] os britânicos se orgulhavam de dizer que sob os seus domínios o Sol nunca se punha. Na sua porção mais oriental, o império começava da recém-descoberta Oceania, passava pela Ásia, pela África e pelas ilhas do Caribe, que se mantivera fiel à monarquia britânica depois da independência americana. (GOMES, 2007, p. 183-184)

A Marinha Britânica era então vista como a mais poderosa e eficiente força naval da época, possibilitando e conferindo ao título de “Senhora dos Mares” ao decorrer do século XIX. Como Howard (2011) vem a complementar também, a Grã-Bretanha era às vésperas da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a potência mais rica do mundo. Mas também estava mais vulnerável do que em qualquer outro momento de sua história, ao início do século XX.

Ao mesmo tempo em que a Inglaterra firmava-se como grande potência do século XIX, do outro lado do Atlântico, os recém-independentes Estados Unidos firmavam-se como uma jovem nação. Promulgam em 1823, como uma primeira tentativa de introduzir sua mensagem ao mundo. Como constata Schilling (2002), a chamada Doutrina Monroe, elaborada pelo então presidente James Monroe (1758-1831) ao Congresso Americano, trazia uma mensagem onde, entre suas linhas, os Estados Unidos se colocavam como os protetores das nações da América Latina que, paulatinamente, adquiriam sua emancipação política do Velho Mundo.

A mensagem era uma advertência às potências europeias, no sentido de que não tentassem reativar o domínio colonial sobre o Continente, nem que interferissem nos princípios republicanos imanentes ao processo de emancipação. Em outras palavras, sob sua concepção, o Novo Mundo estava fechado a qualquer tentativa de subordinação à Europa. Fernandes e Morais (2015) apontam que através dessa troca proposta pelo então governo estadunidense pela não-intervenção europeia na América revelava um grande receio enfrentado pelos Estados Unidos,

[...] que as grandes potências europeias pudessem se unir para subjugar as colônias espanholas rebeladas e acabassem ameaçando a autonomia de seu próprio território ou seus interesses comerciais em todos esses mercados na América. (FERNANDES; MORAIS, 2015, pg. 106).

A Doutrina Monroe nada mais havia sido do que um rascunho do que seria a política externa adotada pelos Estados Unidos ao decorrer do século XIX. Em troca de paz e liberdade, sua presença no território americano prevaleceria, fazendo com que se afastasse da política internacional europeia.

Consequente ao período que era compreendido a sua Guerra Civil, na década de 1860, os Estados Unidos haviam se tornado, no início do século XX, uma potência imperialista prestes a assumir uma posição de maior parque industrial do planeta. Fernandes e Morais (2015) complementam ainda que sua população contava com mais de 80 milhões de habitantes, 20 milhões a mais do que a Alemanha.

Nesse meio tempo, os Estados Unidos haviam se tornado um império – possuíam o Alasca, ao qual adquiriram da Rússia em meados de 1867, juntamente ao Havai; haviam derrotado a Espanha numa rápida guerra, ocasionando a conquista temporária de Cuba e das Filipinas, e ainda dentro deste contexto de conquista territorial, sua marinha de guerra aumentava, fazendo com que fosse a terceira maior do mundo. Isso permitiria neste alvorecer do novo



século que surgia ao horizonte em abandonar esse seu isolamento político, e passar a projetar-se para fora.

Nesse sentido, há o destaque quanto a sua atuação na América Latina, representada aqui sob a política de boa vizinhança aplicada pelo então presidente Franklin Delano Roosevelt na década de 1930 como o ápice de sua nascente influência sobre o ocidente. Findando com a política do *bigstick* que se seguia até então, revelava-se uma verdadeira revolução nas relações externas até então adotadas pelos estadunidenses, ao descartar o uso da força para resolver eventuais conflitos. A eminente guerra que estava por afligir a Europa nos anos seguintes, guerra essa que poderia atingir proporções mundiais, levavam Roosevelt a assumir uma postura mais diplomática perante a ameaça.

Vê-se nesta junção ao contexto mundial, inicial pela onda imperialista do Império Britânico e complementado pela supremacia dos Estados Unidos, encontra-se o Brasil e das formas como havia sido recepcionado com essa união política, econômica e cultural. Com a chegada da Família Real portuguesa em 1808, dentre muitos atos promulgados pelo então Príncipe Regente, Dom João VI (1767-1826), está a Abertura dos Portos as nações amigas, ocasionando uma presença massiva dos britânicos na então colônia dos trópicos.

A Inglaterra havia sido a grande aliada política de Portugal desde meados do período medieval. Conforme pontua Sousa (2000), em torno de 1298, era comum a concessão de salvo-condutos a comerciantes e navegantes portugueses e ingleses, com a faculdade de nomearem árbitros para dirimirem pendências entre uns e outros. Sendo assim, mediante o contexto da transferência da Corte portuguesa a sua colônia americana, a Inglaterra exercia uma forte influência no país em formação.

No entanto, o domínio inglês havia gerado vários conflitos entre os brasileiros, e como uma forma de acalmar os ânimos da população insatisfeita, grandes companhias inglesas instalam-se nos principais centros urbanos do país, ofertando cargos para engenheiros, funcionários e técnicos brasileiros. Seu único requisito era que houvesse o domínio da Língua Inglesa.

Assim sendo, o Príncipe Regente decreta em junho de 1809, a formalização do Ensino de Língua Inglesa, oficializando a criação de uma escola de Língua Francesa e uma outra escola de Língua Inglesa. Entretanto, o Ensino de Língua Inglesa apenas ganhou mais visibilidade após a Segunda Guerra Mundial. Os Estados Unidos firmaram-se após o confronto como uma força político-econômica potente, ocasionando a boa parte dos Estados latino-americanos, incluindo o Brasil, se alinharem politicamente ao seu sistema capitalista.

Logo, das razões que levam o brasileiro a lançar-se sobre os estudos de Língua Inglesa não é meramente casual, uma vez compreendido toda a construção deste contexto histórico onde a Língua Inglesa se impôs como Língua Global, devido ao poderio militar apresentado tanto pelo Império Britânico quanto aos Estados Unidos. Nesse aspecto, Oliveira (2014) disserta que das razões que levam a este interesse está ligado a sua essência geopolítica. O processo

imperialista da Língua Inglesa ao decorrer dos últimos séculos se revelou como um dos grandes articuladores para que esse fenômeno ocorresse.

Deste interim, surge, portanto o interesse do indivíduo em estudar a Língua Inglesa – em adquiri-la em seu mais puro formato, aculturando-se de todas as maneiras possíveis para que então possa ser visto como um cidadão global. Em conferência realizada em 2013, Mary Louise Pratt, ao levantar estudos e antologias a respeito dos aspectos que delineiam a globalização, afirma que nenhuma delas busca tratar a respeito de língua e/ou linguagem o que para ela, revela-se um tanto contraditório, visto que os processos globais em si são determinados puramente pelo fator linguístico.

Para Pratt (2013), as línguas canalizariam variados aspectos da sociedade contemporânea, perpassando os caminhos da imigração, do comércio e até mesmo da própria comunicação, visto que determinam que indivíduo teria maiores possibilidades de fazer comércio ou mesmo de migrar para qualquer destino, uma vez que seria decisivo para a obtenção de sucesso nesse determinado lugar.

No caso do Brasil, há uma forte influência do estudo do inglês neste sentido. Estaria dessa maneira entrando neste jogo de dominação de poder, a partir desta iniciativa? Estaria então o brasileiro sendo menos latino-americanos, por isso? É uma questão um tanto delicada de responder. Negar tal influência, seria como negar a existência das atrocidades acometidas pelas demais potências no passado. Seria o mesmo que renegar a própria História. No entanto, é inegável ignorar a forte influência exercida pela língua a nível global. Buscando analisar a essência da língua inglesa, Crystal (2002) afirma que o que torna uma língua global, falada aos quatro cantos do mundo, como no caso presente, está mais ligada a questão política do que a própria estrutura gramatical, como anteriormente mencionado.

Citar o Brasil neste íterim, dentro da realidade da qual se encontra, revela-se um interessante caso de ilustração. Conforme aponta Tota (2000) o tido processo de americanização do Brasil, por assim dizer, inicia-se logo ao início da Segunda Guerra Mundial, com a chegada de oficiais americanos ao nordeste, instalando-se na então Parnamirim Field. Desde então deixou-se envolver com aquele seu jeito de contemplar o mundo, jeito esse que o mundo deixou-se envolver. Há claramente aqui elementos aos quais poderiam ser explorados deste fascínio por tudo que compõe este universo oposto a realidade e a condição dos brasileiros como latino-americanos.

No princípio, o país deixara se envolver por franceses, ingleses e povos advindos da Europa. Tudo que soava aos ouvidos de forma diferente, o brasileiro do século XIX deixou-se enredar nas teias da sedução do estrangeiro. Mas por quê? Existiria um fascínio pelo estrangeiro? O que vinha de fora podia ser percebido como algo inteiramente novo, que chamava a atenção? Uma questão um tanto complexa de se buscar responder neste primeiro momento.

## Considerações Finais

No contexto global do qual a sociedade hoje está inserida, a busca por um estudo e uma aquisição de uma Língua Estrangeira torna-se mais do que necessário. Neste painel, o Inglês se encaixa nos padrões exigidos por conta das expectativas profissionais e pessoais existentes. Desde as demandas do mercado de trabalho a motivos pessoais, cada um que busca pela língua possui uma motivação interna. No entanto, ainda existem certos receios quanto a ela, ainda na atualidade.

Qual o temor existente perante a globalização da Língua Inglesa? Se tudo se revela de forma tão fascinante, por que ainda existe este temor, este medo de se deixar ser americanizado, quiçá europeizado? Talvez para este momento, uma possível resposta para esta pergunta seria que, ser e estar latino faz parte desta realidade.

Muitos estudiosos do campo da aquisição de segunda língua, dentre as tantas teorias para se explicar o fenômeno da mesma, apontavam a aculturação como uma forma plena de se vivenciar a língua. No entanto, este mesmo campo conceitual havia sido criticado, principalmente no que tange a Língua Inglesa. Sabe-se que na atualidade o dobro de pessoas que se expressam e se comunicam pelas mais variadas formas pela Língua Inglesa do que qualquer outra.

Negar esta necessidade soa um tanto ingênuo, nesse ínterim. Estudar inglês, sim ou qualquer outro idioma que não o português, visto que essa seria a língua pátria, desconsiderando as línguas indígenas aqui existentes antes do português. Mas não se esquecer de suas origens. Permitir-se conhecer outras realidades e outras culturas por meio da Língua, insere-se como necessário em um mundo cujas barreiras estão caindo paulatinamente, possibilitando a revelação de um novo viés da realidade em que se vive no século XXI.

## Referências Bibliográficas

BALLESTRIN, Luciana. O lugar da América Latina nas Ciências Sociais. Rumo a uma nova divisão global? Disponível em: <[http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=8321&Itemid=217](http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=8321&Itemid=217)>. Acesso em: 05.abril.2016.

\_\_\_\_\_. Paraguai e o golpe do colonialismo interno. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/510986-paraguai-e-o-golpe-do-colonialismo-interno>>. Acesso em: 05.abril.2016.

BLAINEY, Geoffrey. Uma breve história do século XX. 1ª ed. São Paulo: Fundamento, 2009.

CAPOZZOLA, Christopher. Uncle Sam wants you: World War I and the Making of the Modern American Citizen. USA: Oxford University Press, 2008.

CRYSTAL, David. English as a Global Language. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

\_\_\_\_\_. English: a status report. Spotlight. September 2011. p. 28-33. Disponível em: <<http://www.davidcrystal.com/books-and-articles/english-language>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

FERNANDES, Luiz Estevam; MORAIS, Marcus Vinícius de. Os EUA no século XIX. In: KARNAL, Leandro. (et al). História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI. 3ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015. p. 99-171.

HOBBSAWM, Eric. O novo século: entrevista a Antonio Polito. Tradução de Claudio Marcondes. 1ª ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

HOWARD, Michael. Primeira Guerra Mundial. Tradução de Rosaura Eichenberg. Porto Alegre: L&PM, 2011.

KARNAL, Leandro. Estados Unidos: a formação da nação. 5ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

\_\_\_\_\_ (et al). História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI. 3ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

Mary Pratt Parte 1. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jPAgSGRd9RA>>. Acesso em: 03.jun.2017.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. Métodos de ensino de inglês: teorias, práticas, ideologias. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2014.

PARA transcender a colonialidade: Luciana Ballestrin considera que é preciso responder às lógicas da colonialidade apostando em outras experiências políticas, culturais, econômicas e de saber. Disponível em: <[http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5258&secao=431](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5258&secao=431)>. Acesso em: 05.abril.2016.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. Novos Rumos, Ano 17, nº 37, p. 4-28. 2002. Disponível em <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/novosrumos/article/view/2192/1812>> Acesso em: 26.abril.2016.

SOUSA, Octávio Tarquínio de. O Livro de um Mestre. In: FREYRE, Gilberto. Ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil. Prefácio de Evaldo Cabral de Mello. 3ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000. pp. 17-25.

SCHILLING, Voltaire. Estados Unidos e América Latina: da Doutrina Monroe à ALCA. 5ª edição revista e ampliada. Porto Alegre: Leitura XXI, 2002.

SUMMARY by language size. 2015. Disponível em: <<https://www.ethnologue.com/statistics/size>>. Acesso em 30.jul.2017

TOTA, Antonio Pedro. O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WASSERMAN, Claudia. História Contemporânea da América Latina: 1900-1930. Porto Alegre: UFRGS, 1992.